

## NOTAS

Vá um homem envelhecendo, e caia na tolice de pensar que envelhece por inteiro — famosa tolice! Alguém já notou: envelhecemos nisto, não naquilo; este trecho ainda é verde, aquêlo outro já quase apodrece; aqui há seiva forte, além é coisa murcha.

A infância não volta, mas não vai — fica recolhida, como se diz de certas doenças. Pode dar um acesso. Outro dia sofri um ataque de adolescência: precipitei-me célere, árdago, confuso. Meus olhos estavam úmidos e ardião; mãos trêmulas; os demônios me apertavam a garganta; estava inibido por dentro, mas agia com certa velocidade por fora. Exatamente o contrário do que convem a um senhor de minha idade e condição.

No dia seguinte a gente acorda e enfrenta o dia com uma certa ponderação. Para lavar recordações importunas é preconizado o banho de mar, com ondas fortes.

~~Estão falando outra vez — agora com certa animação — em construir o "metro".~~

É um melhoramento formidável, mas é uma coisa triste. Viajar debaixo do chão... De casa para o trabalho, do trabalho para casa, sempre por baixo do chão. Ah, Senhor, a gente já anda tão por baixo! Ah, Senhor, para os que trabalham nesta cidade e sonham em passar um mês numa fazenda ou numa praia, soltos no pasto, livres nas ondas, mas vão deixando para depois, vão ficando cada vez mais presos ao triste asfalto — ainda é um consolo, entre a casa e o trabalho, ver um pouco de mato em alguma encosta de morro ou deixar os olhos irem nadando nas águas sem fim. Uma espuma de onda, uma fôlha de bananeira, qualquer coisa de água ou de planta já faz bem.

Seremos tatus, tristes e cansados tatus circulando por baixo do chão; seremos burros de mina. Este o nosso futuro: a boca preta de um túnel, léguas de túnel entre o túnel vertical do elevador do edifício e o outro elevador do escritório. Andaremos sempre mais depressa — e mais calados e tristes.

R. B.

14/3/54

CM 14.3.54  
JB 11.12.64

RN 49  
RN 116

Metro

RN 120